



ANÁLISE DO DIALETO NADSAT DO LIVRO LARANJA MECÂNICA DE ANTHONY BURGESS.

Grazielle Kehl de Miranda

I. Introdução ao Artigo

Laranja Mecânica é um livro escrito por Anthony Burgess, escritor e linguista inglês. Sua mais interessante obra saiu em 1962, em um tempo em que a liberdade de expressão era reprimida. O fascínio dos jovens leitores por este livro, na época, vem da hipótese de que a geração jovem dos anos 70 precisava muito de algo novo, uma linguagem com a qual pudessem se identificar. Laranja Mecânica foi um marco em sua época e, até hoje, nos surpreende por seu ar futurista. O Dialeto de Nadsat será o nosso foco de estudo. Sua estrutura é muito complexa e somente estudando os passos do autor na construção desta linguagem, podemos entender – lá melhor.

II. Motivação

Fui apresentada à história de “Laranja Mecânica” há alguns anos por uns amigos que idolatravam o filme adaptado por Stanley Kubrick, quando ainda era muito imatura para entendê-lo plenamente, e confesso que devo ter assistido pela curiosidade que me dominava devido a má fama de filme rebelde que nele continha. Mas acabou me surpreendendo. Pela minha visão, o filme era pura violência e diálogos sem sentido, mas eu até que achei legal. Mal sabia eu que a história tem mais camadas do que eu pensava.

Então, agora que me senti muito mais madura desde aquela época, dei mais uma chance à história, peguei o livro original de Anthony Burgess, e ele acabou se tornando uma das mais intrigantes obras que já havia lido.

Conforme fui me envolvendo com a leitura fantástica que ela me proporcionava, fui prestando atenção aos detalhes curiosíssimos que nela continha.

Havia muitas palavras que me causavam estranheza, palavras das quais eu nunca escutei no meu cotidiano e que despertaram o meu interesse em descobrir mais sobre elas. Com certeza Burgess queria mesmo causar essa sensação de estranheza com o seu vocabulário conhecido como Nadsat, ele queria que o leitor se aproximasse mais da situação que os adultos viviam em relação à juventude retratada no livro, esse



desentendimento e falta de sentido são peças chave para que você mergulhe cada vez mais fundo no mundo de Laranja Mecânica.

III. Dialeto de Nadsat: Construção.

Nadsat, como será explicado a seguir, é um modo de expressão utilizado pelos personagens que pertencem a uma subcultura adolescente da Inglaterra. O anti-herói e narrador do livro, Alex, a usa em primeira pessoa para relatar a história ao leitor. Ele também a utiliza para se comunicar com outros personagens do livro, como seus “droogs”, pais, vítimas e qualquer outro personagem com quem ele entre em contato. Tal como acontece com muitos falantes de variedades fora do padrão do Inglês, Alex é incapaz de falar Inglês normal quando ele quer. Não é uma linguagem escrita, mas sim um dialeto criado por jovens como ele.

A construção desse dialeto tomou muito tempo de seu inventor, Antony Burgess, que se inspirou, basicamente, na mistura da língua inglesa e russa. Burgess, que era um poliglota, estava ciente de que gíria linguística era de uma natureza em constante mutação. Sabendo da dificuldade que seria criar um dialeto adolescente, criou uma diversidade enorme de misturas curiosas entre línguas, palavras inventadas e, inclusive, aspectos numéricos.

Nadsat é basicamente inglês com algumas palavras emprestadas do russo. Quase todas as palavras desse idioma que ele utilizou em seu livro tiveram sua grafia alterada pelo autor para adquirirem uma sonoridade Angla – Russa (que está presente muito forte no filme de Stanley Kubrick¹). Ele também contém influências de Cockney (linguagem considerada vulgar pela maioria do povo inglês), como o próprio título “Clockwork Orange”, que provém da gíria “as queer as a clockwork orange”, significando estranheza, bizarrice, “queer” em inglês, significa ao mesmo tempo tanto a palavra “estranho” quanto “homossexual”. Também apresenta aspectos da língua alemã, algumas palavras de origem obscura e algumas que Burgess inventou.

A palavra Nadsat em si é o sufixo dos numerais russos 11-19 (-надцать). O sufixo é um paralelo linguístico quase exato que, em Inglês significa adolescente. Algumas das palavras também são derivadas do inglês falado por crianças como eggie weg (ovo) e Appy polly loggy (pedido de desculpas).

¹ O filme de Stanley Kubrick não foi a única representação do livro Laranja Mecânica. O próprio autor adaptou seu livro para um musical em 1987 e a peça foi apresentada pela 1ª vez em Londres, no ano de 1990. Desde então, outras cinco versões para o teatro já foram criadas.

As influências russas desempenham o papel mais importante na Nadsat. A maioria das palavras criadas para esse dialeto, muitas vezes, mantém a pronúncia russa original. Um exemplo é a palavra russa Lyudi, que é aportuguesada para lewdies, que significa "povo".

Outra palavra russa é Babushka que é aportuguesada para baboochka, que significa "avó", "velha". Algumas palavras foram abreviadas, por exemplo, "Veck" de čelovék, "pessoa", "homem" (embora a palavra aportuguesada 'chelloveck' também seja usada no livro).

Além disso, o dialeto de Nadsat é construído com técnicas de linguagem de formação comuns. Algumas palavras são misturadas, outras cortadas ou com referências a outras coisas. "Por exemplo, um "ataque de riso" torna-se um disparate (versão abreviada de gargalhadas), uma" chave-mestre "torna-se um Polyclef (" muitas chaves"). Algumas gírias em inglês bem comuns são simplesmente encurtadas. A" vara do câncer", que é uma gíria inglesa comum para um "cigarro" é encurtado para "câncer".

A expressão em inglês horrorshow, na verdade, deriva da palavra russa para "bom"; "khorosho ", que soa semelhante a horrorshow. Dessa mesma maneira muitos dos estrangeirismos russos tornaram-se um híbrido de Inglês-Russo, com origem russa, mas com a pronúncia em inglês. Outro exemplo é a palavra russa para "cabeça", golová, que soa semelhante a Gulliver conhecido a partir do famoso livro e também filme "As Viagens de Gulliver". Consequentemente Gulliver torna-se a expressão Nadsat para o conceito de "cabeça". O uso frequente de associações entre o inglês e o russo também é notoriamente percebido na construção do Nadsat, por exemplo: para designar os policiais com quem frequentemente os personagens entram em conflito no livro, Alex e sua gangue usam expressões como "Millicents" ou "Rozzes".

Millicent é um nome bem feminino usado na era Vitoriana, soava como uma ofensa à masculinidade dos policiais. Já a palavra rozzes, deriva da palavra russa "rozh", que significa "cara feia". O uso da palavra "Rabbit" (coelho em inglês) é um trocadilho com o verbo russo "Rabotat" (que pode significar tanto trabalho quanto escravo).

Outro aspecto bem peculiar na construção desse dialeto, é a sua intercalação entre o uso da linguagem de Nadsat e de gírias que lembram o "Middle English", mas sem o mesmo rigor gramatical. Um bom exemplo disso é o termo "thee and thine", (que significa "tu e os teus").



A transformação de gírias e rimas do tempo de Burgess também é um aspecto comum na construção do dialeto, um bom exemplo dessa caso é a gíria “luscious glory”, que Alex usa para dar nome aos próprios cabelos, é uma rima com “upper story”(andar de cima), que aqui no Brasil podemos traduzir como algo parecido com topete.

Um das expressões mais usadas por Alex ao longo da obra, contudo, não precisou de muito estudo e foi facilmente criada por Burgess, a expressão “Kisse my sharries” mistura o popular xingamento inglês “kiss my ass” com “sharries”, derivada da palavra russa “shariki” (bola de gude).

Burgess também se mostrou muito bom em inventar palavras, ao precisar de um termo para designar a emoção de Alex quando este escuta Beethoven, criou a expressão “Heavenmetal” (algo como metal celestial), mal sabendo ele que, anos depois, chegaria ao mundo um novo estilo de som, que viria a ser conhecido como “Heavy Metal”.

Há aproximadamente cerca de 200 palavras presentes no dialeto de Nadsat. Não se tem a enumeração exata de quantas palavras existem nele, mas mostraremos a seguir uma parte de uma lista de palavras que contém a grande maioria das que já foram catalogadas.

Nadsat: Adolescente

Appypolly loggy: Apologia

Baboochka: Velha

Baddiwad: Mau

Banda: Banda

Bezoomy: Maluco

Biblio: Biblioteca

Bitva: Batalha

Bog: Deus

Bolnoy: Doente

Bolshy: Grande

Bratchny: Bastardo

Bratty: Irmão

Britva: Navalha

Brooko: Abdómen

Brosay: Lançar



Bugatty: Rico

Cal: Merda

Câncer: Cigarro

Cantora: Office

Chai: Chá

Charlie: Capelão

Chasha: Taça

Chasso: Guarda

Cheena: Mulher

Cheest: Lavar

Chelloveck: Homem

Chepooka: Sem sentido

Choodessny : Maravilha

Chumble: Gagueja

Cluve: Bico

Collocol: Sino

Crark: Miado

Crast: Roubar

Creech: “Grito” de pânico

Cutter: Dinheiro

Ded: Velho

Deng: Dinheiro

Devotchka: Garota

Dobby: Bom

Domy: lar

Dook: Fantasma

Dorogoy: Valiosa

Drat: Briga

Drencrom: Droga

Droog: Amigo

Dva: Dois

Eegra: Jogo

Eemya: Nome



6º SBECE **EDUCAÇÃO,**
3º SIECE **TRANSgressões,**
NARCISISMO

Eggiweg: Ovo

Em: Mãe

Fagged: Cansado

Filly: Jogar

Firegold: Uma bebida especial

Forella: Peixe – truta

Gazetta: Jornal

Glazz: Olho

Gloopy: Estúpido

Godman: Padre

Golly: Unidade de Dinheiro

Goloss: Voz

Goober: Lábio

Gooly: Trabalhar

Gorlo: Garganta

Govoreet: Para falar ou conversar

Grazhny: Sujo

Grazzy: Sujas

Gromky: Alto

Groody: Peitos

Gruppa: Grupo

Guff: Risada

Gulliver: Cabeça

Guttiwuts: Tripas

Hen-korm: Comida de frango

Horn Para: Gritar

Horrorshow: Legal

Hound-and-Horny: Milho

In-out-in-out: Sexo

Interessovat: interesse

Itty: Ir

Jammiwam: Geléia

Jeezny: Vida



Kartoffel: Batatas

Keeshkas: Tripas

Kleb: Pão

Klootch: Chave

Knopka: Botão

Kopat: Jogar no buraco

Koshka: Gato

Kot: Gato macho

Krovvy: Sangue

Kupet: Comprar

Lapa : Pegada

Lewdies: Pessoas

Litso : Rosto

Lomtick: Dívida

Loveted: Capturado

Lubbilubbing: Fazendo sexo

Luscious Glory: Cabelo

Malchick: Garoto

Malenky: Pouco / Pequeno

Maslo: Manteiga

Merzky: Imundo

Messel: Pensamento

Mesto: Lugar

Millicent: Policial

Minoota: Minuto

Molodoy: Jovem

Moloko: leite

Moodge: Homem

Morder: Focinho

Mouch: Cobra

Mozg: Cérebro

Nachinat: Começar

Nadmenny: Arrogante



6º SBECE **EDUCAÇÃO,**
3º SIECE **TRANSgressões,**
NARCISISMO

Nagoy: Pelado

Nazz : Bobo

Neezhnies: Cuecas

Nochy: Noite

Noga: Pé

Nozh: Faca

Nuking: Cheirar (perfume)

Oddy-knocky: Solitário

Odin: Um

Okno: janela

Oobivat: Matar

Ookadeet: Deixar / Sair

Ooko: Espiga

Oomny: Esperto

Oozhassny: Terrível

Oozy: Cadeia

Orange: Homem

Osoosh: beber

Otchkies: Óculos

Pan-handle: Ereção

Pee: Pai

Peet: Beber

Pishcha: Comida

Platch: Chorar

Platties: Roupas

Plenny: Prisioneiro

Plesk: Splash

Pletcho: Ombro

Plott: Carne humana

Podooshka: Almofada

Pol: Sexo

Polezny: Útil

Polyclef: Esqueleto-chave



Pony : Compreender

Poogly: Assustado

Pooshka: Arma

Pop-disk: Disco de música Pop

Prestoopnik: Criminal

Pretty Polly: Dinheiro

Privodeet: Para levar em algum lugar

Prod: Produzir

Ptitsa: Garota

Pyahnitsa: Bêbado

Rabbit: Trabalho

Radosty: Brincadeira

Raskazz: História

Rasoodock: Mente

Raz: Tempo

Razdreiz: Perturbar

Razrez: Morrer

Rooker: Mão

Rot: Boca

Rozz : Policial

Sabog: Sapato

Sakar: Açúcar

Sammy: Generosa

Sarky: Sarcástico

Scoteena: vaca (animal)

Shaika: Gangue

Sharp: Fêmea

Sharries: Bolas

Shest: Pólo

Shilarny: Preocupação

Shive: Cortar

Shiyah: Pescoço

Shlaga: Clube



6º SBECE **EDUCAÇÃO,**
3º SIECE **TRANSgressões,**
NARCISISMO

Shlapa: Chapéu

Shlem: Capacete

Shoom: Ruído

Shoot: Bobo

Sinny: Filme

Skazat: Falar

Skolliwoll: Escola

Skorry: Rápida

Skriking: Arranhão

Skvat: Pegando

Sladky: Doce

Sloochat: Acontecer

Slooshy: Ouvir

Slovo: Palavra

Smeck: Rir

Smot: Olhar

Sneety: Sonho

Snoutie: Tabaco

Snuff It: Morrer

Sobirat: Para pegar

Sod: Bastardo

Sodding: Fodendo

Soomka: Mulher

Soviet: Conselho

Spat, spatchka: Dormir

Spoogy: Aterrorizados

Staja : Preso

Starry: Velho

Strack: Horror

Synthmesc: Um determinado/ medicamento

Tally: Cintura

Tashtook: Lenço

Tass: Taça



Tolchock: Tacar
Toofles: Pantufas
Tree: Três
Vareet: Cozinhar
Vaysay: Banheiro
Veck: Menino
Vellocet: Um determinado medicamento
Veshch: Coisa
Viddy: Ver
Voloss: cabelo
Von: Cheiro
Warble: Son
Yahma: Buraco
Yahoody: Judeu
Yahzick: Língua
Yarbles: Testículos
Yeckate: Dirigir
Zammechat: Notáveis
Zasnoot: Dormir
Zheena: Esposa
Zoobies: Dentes
Zvonock: Campanha
Zvook: Som

IV. Dialeto de Nadsat: Por que o escritor o criou?

No início dos anos 1960, Anthony Burgess foi equivocadamente diagnosticado com um tumor cerebral que tiraria sua vida em pouco tempo, então passou a escrever intensamente vários livros para garantir o sustento de sua esposa após sua morte. Foi nessa época que nasceu “Laranja Mecânica”. Enfim, o período prognosticado pelos médicos expirou e nada aconteceu a Burgess.

Fascinado por gírias, dialetos e neologismos de subgrupos urbanos, Burgess desenvolveu inicialmente seu livro já com o tema e o cenário futurista que conhecemos.

Ao voltar da Malásia (onde viveu um tempo), acabou levando um verdadeiro choque cultural ao ver, em poucos anos, o surgimento de tantas coisas novas como as cafeterias, a música pop e as gangues de adolescentes. O que o impressionou acima de tudo foi a rivalidade entre “mods e rockers”, duas tribos de origem operária que disputavam liderança no cenário da época, com estilos diferentes de moda e música. Foram considerados os precursores legítimos dos punks e cultuavam principalmente a *atitude*. Os mods andavam de lambreta, vestiam roupas de marcas famosas e escutavam ska e rock pesado. Já os rockers preferiam motocicletas, usavam jaquetas de couro e escutavam Elvis Presley. E, como era costume entre as gangues, havia brigas violentas.

Burgess ambientou *Laranja Mecânica* num possível futuro próximo, em um tempo onde a violência adolescente atingiu um nível tão insuportável que gerou uma repressão do governo a ponto de usarem técnicas de lavagem cerebral. Uma linguagem diferenciada era tudo que Burgess precisava para dar o tempero final que convinha à sua obra.

Como não podia usar a linguagem das gangues da época por medo dela futuramente se perder, Burgess ficou perdido. Mas foi uma viagem à Rússia que iluminou as ideias do escritor. Ao chegar ao país, viu que a União Soviética daquela época estava tendo problemas com gangues de jovens rebeldes que nada tinham a ver com os dissidentes políticos que o governo combatia então. Foi assim que Burgess teve a solução de que precisava “o vocabulário dos meus marginais podia ser uma mistura de russo e inglês popular, temperado com gírias e o falar dos ciganos” (BURGESS, 2004, p.03). Assim, o livro *Laranja Mecânica* estava pronto.

O uso do Nadsat foi efetivamente escolhido e posto no livro com um propósito muito além de causar estranheza ou por pura estética linguística.. Representava uma forma de gíria que só a juventude usava. Burgess, em seguida, foi ainda mais longe ao fazer do dialeto Nadsat também um símbolo para mostrar como Alex cresceu como um ser humano no final da história, livrando-se da imaturidade. O abandono de sua adolescência é caracterizado a perda do Nadsat. Isso representou que ele não era mais um jovem, e que suas experiências lhe ensinaram a crescer e se tornar um homem, o que significa falar como um. Um aspecto curioso sobre o dialeto é que Burgess não pôs o dicionário de Nadsat na primeira edição da obra com o intuito de causar no leitor a sensação de profundo estranhamento fazendo com que quem leia sintasse perturbado assim como os próprios personagens se sentem ao se depararem com a narrativa de Alex.. Somente anos depois, contra a vontade do autor, nas edições fora da Europa, que a tradução das palavras foi



acrescentada ao livro. Ainda hoje, nas edições inglesas, o dialeto de Nadsat não está presente nem mesmo na edição de aniversário de cinquenta anos do Laranja Mecânica.

V. Dialeto de Nadsat: O porquê do sucesso entre os jovens.

O livro de Burgess é considerado um clássico da literatura, pois desde o seu lançamento em 1962 faz sucesso entre os leitores mais novos. A obra alimenta o imaginário de milhares de adolescentes ao redor do mundo e até hoje sobrevive na memória das pessoas. A estranheza da obra, com seus aspectos futuristas e uma linguagem irreverente e completamente maluca, fez com que os jovens de todos os lugares, em todas as épocas se encantassem por ela.

A característica mais brilhante da obra, é, de fato, o Nadsat. Por ser um dialeto totalmente revolucionário no qual nenhum adulto seria capaz de compreender o que esta sendo dito durante uma conversa fervorosa entre jovens, conseguiu realmente fascinar o mundo adolescente, tão rebelde e imaturo, dando um toque ainda mais audacioso e fantástico a essa magnífica obra da literatura inglesa.

A violência, rebeldia e atitude de Alex e seus “droogs”, também é um fator que muito contribui para explicar a adoração e identificação dos mais jovens pela obra, mesmo os garotos sendo e agindo como pessoas ditas ruins, estão se impondo contra uma sociedade que em nada os ajuda, que em nada os protege ou que os oriente positivamente de algum modo., tornando-se, na mente da juventude, verdadeiros heróis em um mundo onde ser jovem é motivo de ódio e descaso.

O questionamento central do livro, sobre a essência natural do ser humano de ser ou tornar-se bom ou ruim, é um elemento fortíssimo usado por Burgess para gerar polêmica e muitos debates tanto entre os jovens quando entre os críticos da área da

Psicologia. O que mais pode perturbar quem se envolve na leitura da história é o fato de que ela faz completo sentido. Afinal, não é tudo que a sociedade deseja? Uma vida pacífica e tranquila, sem criminalidade, sem a superlotação dos presídios? Qual é o sentido da prisão? Ela corrige mesmo alguma coisa? Uma solução psicológica não resolveria tudo? É o sonho de muita gente! Burgess mostra um governo capaz de tudo, até de propor essa possibilidade. Porém, conforme você se aprofunda no livro, percebe que isso é feito de uma maneira desumana.

“Será que um homem que escolhe o mal é talvez melhor do que um homem que teve o bem imposto a si?” (BURGESS. Pág. 156).

A ideia de um dialeto próprio entre os jovens, um dialeto incomum que somente eles saberiam como usar, veio como um sonho para aqueles que na época sofriam com a repressão da liberdade de expressão, que sofriam com o “sufocamento” dos pais, ou simplesmente, para aqueles que viam na rebeldia um modo de viver.

Por causa do seu aspecto futurista, até hoje a obra de Burgess continua a inspirar jovens rebeldes do mundo inteiro, jovens que com suas próprias gírias e seu modo de vestir e agir consegue manter vivo, à sua maneira, o legado de *Laranja Mecânica*.

VI. Conclusão

Publicado originalmente em 1962, *Laranja Mecânica* só chegou ao Brasil no início dos anos 70. A linguagem usada no livro – *Nadsat* – é a carta na manga para prender a atenção do leitor usada pelo escritor Anthony Burgess. *Nadsat* é um dialeto usado pelos adolescentes ingleses, uma linguagem complexa e muito interessante devido à sua construção abranger diversas línguas e junção de palavras. Sabe-se que Burgess se baseou muito na língua russa e nas gírias inglesas. Com isso, parte-se da hipótese de que ele pode ter criado esse dialeto, além dos argumentos aqui já mencionados, para reforçar a indiferença do personagem principal Alex às normas da sociedade e sugerir que a cultura jovem existia independente do aval da sociedade adulta. Pode-se dizer com total certeza de que esse livro é o do tipo que você nunca mais esquece, seja pela naturalidade com a qual Alex descreve seus estupros, seja pela idade do protagonista em relação aos seus atos (acredita-se que ele tenha cerca de quatorze anos no início da história), seja pelo dialeto



Nadsat ou pelo fato de que Burgess não criou uma realidade completamente distante e fictícia.

VII. Referências

BURGESS, Anthony. *Laranja Mecânica*. Tradução Fábio Fernandes, São Paulo: Aleph, 2004.

http://en.wikipedia.org/wiki/A_Clockwork_Orange, Acesso em 03/07/2013.

<http://murdoque.com.br/dicionario-nadsat-laranja-mecanica.html>. Acesso em 23/04/2015.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Laranja_Mec%C3%A2nica_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Laranja_Mec%C3%A2nica_(filme)). Acesso em 23/04/2015.

BURGESS, Antony. A literatura Inglesa, São Paulo: Ática, 1996.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação, São Paulo: Cultrix, ED.22, 2001.

TODOROV, Tzvetan. Simbolismo e Interpretação, São Paulo: Brochura, 1978.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ática, 2003.

BAGNO, Marcos. Língua, linguagem, linguística. São Paulo: Brochura, 2014.

https://www.youtube.com/watch?v=uzrGZ7s_b8c. Acesso em 23/04/2015.



<https://www.youtube.com/watch?v=NtZmvSWIuJE>. Acesso em 23/04/2015.